

## ARTIGOS



# Corpo, Gênero e Performance

Uma Experiência de Alteridade a partir da Escola

Marisa NASPOLINI, *Universidade Federal de Santa Catarina*

Miriam Pillar GROSSI, *Universidade Federal de Santa Catarina*

---

Esta comunicação propõe o relato de uma experiência cênica vivida a partir de questões de gênero surgidas na escola no âmbito do Projeto Papo Sério, coordenado pela Professora Miriam Grossi na UFSC. As interfaces entre corpo, memória, autobiografia e gênero são trabalhadas através do campo das artes da cena, visando aprofundar e ampliar a concepção de alteridade no contexto escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Corpo. Gênero. Escola.

---



Este artigo consiste no relato de um processo criativo em teatro coordenado por mim junto a 12 estudantes de graduação da UFSC a partir de sua prática como ministrantes de oficinas sobre gênero e diversidade em escolas públicas em Florianópolis em 2015. O processo, que integrou pesquisa desenvolvida em estágio pós-doutoral em Antropologia Social, foi desenvolvido no âmbito dos projetos “Antropologia, Gênero e Educação” e “Papo Sério”, coordenados pela Professora Dra. Miriam Pillar Grossi, junto ao NIGS - Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC. Entre março e julho de 2015, coordenei 37 oficinas, ministradas em parceria com estudantes de graduação e pós-graduação, cujo objetivo era promover a desconstrução das representações de gênero, sexualidade e diversos tipos de violência junto a estudantes de Ensino Fundamental, Médio e EJA de escolas da rede pública da Grande Florianópolis. A metodologia aplicada nestas oficinas foi desenvolvida ao longo dos 9 anos do projeto e inclui variadas dinâmicas de grupo, dramatização, música, desenho, escrita, colagem, além de conversas e jogos aplicados segundo a faixa etária trabalhada. Além das oficinas, o projeto inclui a realização anual do Concurso de cartazes contra a homo-lesbo-transfobia e a celebração de datas comemorativas ao longo do ano, reunindo acadêmicos e movimentos sociais.

As oficinas são oferecidas de acordo com as demandas apresentadas pelas escolas. A partir de contato estabelecido entre a equipe do NIGS e professoras e professores de instituições de ensino da rede pública catarinense, são definidos o tema e as dinâmicas que serão adotadas, levando-se em consideração características específicas do público a ser atendido. Ao longo dos anos, as oficinas têm estimulado a desconstrução e propiciado um processo de transformação no imaginário sobre gênero, sexualidades e violência recorrente nestes espaços. Este envolvimento é gerador de reflexões sobre a escola, o ensino e a aprendizagem, assim como provocador de novas percepções da realidade. Neste contexto, a instituição escolar, historicamente configurada como um espaço disciplinador e normalizador de padrões sociais e legitimador das relações de poder vigentes (JUNQUEIRA, 2009), pode tornar-se um espaço no qual o silêncio é rompido e outras possibilidades de existência são tornadas visíveis, a partir da problematização sobre temas emergentes nos discursos destas/es estudantes com quem dialogamos.



Segundo Sala e Grossi (2013), com frequência são as próprias professoras e professores que veiculam condutas e juízos preconceituosos em relação a estudantes de sexualidade não hegemônica, fazendo uso de mecanismos como a *pedagogia do silêncio* e a *pedagogia do armário*, estudados por Junqueira (2009), para reafirmar a heterossexualidade como única possibilidade legítima. Nesse sentido, além de proporcionar maior conhecimento sobre os temas tratados, as oficinas provocam impacto direto nas comunidades em que atuam, uma vez que agem de forma positiva na ampliação das redes de sociabilidade e na criação de novas perspectivas de vida nas e nos estudantes envolvida/os. Também atuam como experiência de formação didática para estudantes de graduação e pós-graduação de diferentes cursos da UFSC.

Durante o mesmo período em que as oficinas foram ministradas, coordenei o subprojeto “Corpo, Gênero e Performance”, que tinha como objetivo viabilizar uma programação artístico-cultural buscando promover reflexões acerca dos temas abraçados pelo Projeto Papo Sério e aproximar o público já contemplado pelo projeto (estudantes do Ensino Fundamental, Médio e EJA, estudantes universitários e integrantes de movimentos sociais) da prática artística, aprofundando a percepção das temáticas trabalhadas.

Entre as ações deste subprojeto, ressalto a realização de espetáculos dentro da UFSC, assim como a ida de estudantes a eventos teatrais e de dança fora da universidade, e a criação de um núcleo de pesquisa com atuação semanal composto por 12 estudantes de graduação ligados ao projeto sob minha condução. Este grupo de estudos e de prática com foco nas relações entre corpo, gênero e performance visou estabelecer vínculos entre o trabalho desenvolvido pelas oficinas e as contribuições do campo do teatro, da performance e do movimento expressivo na criação de perspectivas voltadas para o rompimento de fronteiras e o respeito à diversidade.

A criação deste núcleo surgiu em consequência de uma experiência cênica ocorrida no mês de junho quando o grupo, por ocasião de um seminário científico que propunha, entre outros, a avaliação de aspectos do projeto, optou por fazê-lo através da apresentação de cenas criadas a partir de depoimentos colhidos em campo (relatos autobiográficos de jovens no contexto das oficinas). A seleção e a análise dos depoimentos que passariam a integrar a performance cênica destes e destas estudantes de graduação foram



permeadas por discussões que evidenciaram a subjetividade dos e das pesquisadoras em sua observação e interpretação de aspectos da realidade vivenciada pelo coletivo, que certamente influenciou o relato etnográfico feito pelos mesmos.

Em um artigo intitulado “Na busca do ‘outro’ encontra-se a ‘si mesmo’”, Grossi (1992) propõe pensar sobre a experiência subjetiva no contato com o outro a partir da ótica das relações de gênero, no campo da pesquisa antropológica, refletindo sobre a subjetividade como co-constituidora do objeto de conhecimento. O/A pesquisador/antropólogo/a, no embate da convivência com seu objeto de estudo, traça um percurso individual e subjetivo de encontro de si mesmo a partir deste encontro com o outro. No caso dessa/es estudantes de graduação, em ação no campo, o confronto com a alteridade, evidenciado através dos registros em diários de campo e levado posteriormente para a cena (através da observação de hábitos visíveis, características de comportamento, atitude corporal, idade, modo de vestir, tipo físico, linguajar, relação com os demais, uso de objetos e acessórios, auto identificação étnico-racial, de classe e de gênero) provocou um olhar para si, aprofundado nos desdobramentos do projeto. A angústia decorrente do contato com a diferença com frequência gerou relatos inflamados e expressões de incredulidade frente às situações vivenciadas.

Uma vez definidos os relatos sobre aspectos de gênero que integrariam nossa dramaturgia, fizemos alguns jogos de improvisação, definimos um roteiro básico, alguns acessórios e objetos a serem utilizados em cena e voltamos a nos ver somente no dia do evento. O conjunto de cenas apresentado, que durou em torno de 20 minutos, causou forte impacto na plateia. Creio que em parte isto se deu pela coincidência entre as reflexões feitas pela/os integrantes da mesa e as falas/gestos emitidos pela/os performers. Também cabe ressaltar, uma vez que para a imensa maioria era a primeira experiência de atuação, a seriedade e comprometimento do grupo, que atuou com foco e disponibilidade para o improvisado e o imprevisto, tendo gerado momentos de silêncio de grande força e densidade poética, provocando distintas reações na plateia. Mas acima de tudo, creio que a “fala” autobiográfica (fala aqui entendida como discurso semiótico, que abrange as diversas possibilidades expressivas do corpo/mente) da/o “outra/o” (a/o aluna/o da escola pública) vivenciada e encarnada pela/o estudante universitária/o, gerou uma relação potente com a alteridade,



que reverberou tanto na plateia quanto no grupo de performers, que atuavam em um registro misto de identificação e distanciamento. Na conversa que se seguiu após a apresentação, ouvimos comentários da/os presentes em relação à eficácia da linguagem artística, neste caso a cênica, como possibilidade de uma apreensão e discussão destas temáticas por vias mais sensoriais, o que nos motivou a pensar na realização de outras experiências do gênero no segundo semestre.

Em avaliação interna posterior, o grupo mostrou-se desejoso de integrar um trabalho mais aprofundado articulando as áreas de Corpo, Gênero e Performance através de uma prática constante de frequência semanal. Ficou estabelecido que participariam do grupo toda/os a/os bolsistas de graduação e voluntária/os integrantes do projeto (inicialmente 8, mas que chegaram a 12 em alguns momentos), desde que se comprometessem com o cronograma proposto e dessem continuidade à participação nas demais atividades do projeto, que dariam suporte teórico às temáticas abordadas.

Nos doze encontros que se seguiram trabalhamos com a investigação de aspectos subjetivos ligados às biografias e ao universo cultural da/os participantes, assim como das crianças e adolescentes que haviam frequentado as oficinas, dando ênfase às questões de gênero surgidas nestes contextos. Para tanto, utilizei como abordagem o campo das artes da cena, mais especificamente do teatro, da dança e da educação somática, com ênfase no corpo, tanto na abordagem junto ao universo escolar (observação e análise) quanto na abordagem junto ao grupo de bolsistas de graduação (trabalho com memória, autobiografia e criação de cenas).

Entre os objetivos propostos para o trabalho deste núcleo, destaco: gerar a noção e a percepção de coletividade dentro do grupo; investir em reações psicofísicas; desenvolver a noção de jogo; trabalhar a expressão gestual e emocional da/os participantes; desenvolver habilidades de escuta com o corpo; aprimorar o conhecimento de si e do outro; utilizar relatos e experiências biográficas como material para a cena.

A ideia era trazer tanto relatos obtidos através do contato com estudantes da rede pública nas mais de trinta oficinas realizadas no semestre anterior quanto elaborar depoimentos pessoais, baseados em experiências na infância e/ou na adolescência, problematizando-os através da prática cênica. Como ferramentas, utilizei fundamentalmente



aspectos ligados à minha formação como Analista Laban de Movimento, que envolvem Educação Somática, Observação e Análise do Movimento, além de alguns exercícios e práticas oriundos de outras abordagens, tais como Viewpoints (Anne Bogart), Jogos Teatrais (Viola Spolin), Rasaboxes (Richard Schechner e Michele Minnick), Movimento Autêntico (Mary Starks Whitehouse) e Playback Theatre (Jonathan Fox).

No primeiro encontro, enfatizei a busca pela valorização do “sentido”, do “sensível” e da “experiência”, procurando, através de elementos e procedimentos do campo da arte, um olhar para o sujeito em formação, repensando as relações entre corpo e subjetividade. Isto implicaria em priorizar a experiência incorporada e reforçar o papel da afetividade, do desejo e da sexualidade na vida cotidiana e em suas inter-relações com o poder, a inclusão/exclusão e a resistência.

Junto à perspectiva do “sentir”, reforcei a importância da relação com a alteridade. O poeta Otavio Paz resume bem a fusão entre estas duas instâncias: “sentir é antes de tudo sentir alguma coisa ou alguém que não somos nós. Sobretudo: sentir com alguém. Até para se sentir a si mesmo, o corpo busca outro corpo. Sentimos através dos outros” (apud DUARTE JUNIOR, 2000, p. 224).

Neste percurso, propus trabalhar na perspectiva de “partir de si”, valorizando a vivência em primeira pessoa, inspirada na abordagem da filósofa feminista italiana Chiara Zamboni, quando propõe “partir de si”, prestando atenção ao que se vive concretamente, levando em consideração os sentimentos com os quais se vive, feitos visíveis através de sonhos, imagens e impressões. Ao partir de si, segundo ela, parte-se dos sentimentos e das contradições vividos em primeira pessoa, aprimorando a escuta dos vínculos que temos com o mundo (ZAMBONI, 1996, p. 156). Trata-se de gerar perspectivas para a criação de ambientes onde seja possível reconhecer *o outro*, em toda sua diferença e em sua estranheza, como parte integrante de si, e poder conviver com ele ao seu lado.

Após a apresentação, abrimos espaço para ouvir a plateia e obtivemos um *feedback* bastante estimulante. De forma geral, o público se reconheceu nas cenas e apreciou muito a forma como elas foram expostas e trabalhadas. Logo em seguida, o mesmo grupo se reuniu em outra sala para apresentar comunicações como resultado final de sua participação como bolsistas no projeto como um todo. Três dos trabalhos apresentados faziam relação direta com a experiência cênica do grupo:



“Cenas escolares: fragmentos observados nas escolas”, “Fazer teatro: um novo olhar sobre estudos de gênero e diversidades no ambiente escolar” e “Boneca de Pano: arte como aliada aos estudos de gênero”. Os integrantes do grupo então compartilharam seu percurso durante o ano, refletindo sobre as reverberações desta experiência em sua prática futura e atual como indivíduos, educadores e profissionais de outras áreas. Em seus depoimentos, foi consensual o reconhecimento da importância de uma prática artística que possibilitasse um trabalho psicofísico, resultando em grande interação e integração no coletivo, além de um mergulho autobiográfico que gerou uma percepção encarnada da alteridade. Ao partir de si, cada integrante pôde colocar-se com maior propriedade no lugar do outro e refletir com maior profundidade sobre a experiência vivida na escola, de forma mais consciente, complexa e integrada. Além disso, vária/os dela/es passaram a incluir a perspectiva da arte como abordagem possível em sua prática profissional, o que certamente colabora para a construção de uma ética voltada para o reconhecimento da alteridade no contexto escolar.

## Referências

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, São Paulo, 2000.

GROSSI, Miriam Pillar. Na busca do “outro” encontra-se a “si mesmo”. In: GROSSI, Miriam Pillar (org.). **Trabalho de campo e subjetividade**. Florianópolis: UFSC, PPGAS, 1992.

JUNQUEIRA Rogério (org.), **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Edições MEC UNESCO, 2009.

SALA, Arianna; GROSSI, Miriam. Batendo um "papo serio": desconstruindo gênero e sexo nas escolas de Santa Catarina. **Anais do III Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades**, Salvador-BA, 2013. Disponível em <http://www.uneb.br/enlacandosexualidades/files/2013/06/Batendo-um-papo-s%C3%A9rio-desconstruindo-g%C3%AAnero-e-sexo-nas-escolas-de-Santa-Catarina.pdf>



ZAMBONI, Chiara. Il materialismo dell'anima. In: **La sapienza di partire da sé** / Diotima. Napoli: Liguori, 1996.



## Body, Gender and Performance: an Experience of Alterity from School

**ABSTRACT:** This communication reports a performing experience based on gender issues arisen at school within the scope of Papo Sérió Project, coordinated by Professor Miriam Grossi at UFSC. The interfaces between body, memory, autobiography and gender are worked through the field of the performing arts, aiming to deepen and broaden the conception of otherness in the school context.

**KEYWORDS:** Body. Gender. School.

**Marisa NASPOLINI**

*Desenvolveu esta pesquisa como bolsista de estágio pós-doutoral PNPd Capes junto ao programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, na UFSC nos anos de 2014 e 2015. Possui graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela UnB/Universidade Federal de Santa Catarina (1988). É mestre em Análise do Movimento - Laban/Bartenieff Institute of Movement Studies - Nova York (1997), mestre (2007) e doutora (2013) em teatro pela UDESC, com estágio sanduíche na Universidade de Roma 3. É professora colaboradora do programa de mestrado profissional Prof Artes no CEART-UDESC. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Teatro, atuando principalmente nos seguintes temas: ação física, análise do movimento, educação somática, dramaturgia do corpo, técnicas corporais, teatro de mulheres, corpo/gênero/performance, Sistema Laban e Antropologia Teatral.*

**Miriam Pillar GROSSI**

*é doutora em Anthropologie Sociale et Culturelle - Université de Paris V (1988), pós-doutorado no Laboratoire d'Anthropologie Sociale do Collège de France (1996/1998), na University of California-Berkeley e EHESS (2009/2010). Professora Associada do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina desde 1989, atua nos Programas de Pós-graduação em Antropologia Social e Interdisciplinar em Ciências Humanas e no curso de graduação em Ciências Sociais da UFSC. Desenvolve pesquisas sobre Teoria Antropológica, História das mulheres no campo antropológico, Antropologia Francesa contemporânea e Metodologias qualitativas de pesquisa. Coordena o Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS) onde são desenvolvidas pesquisas no campo das teorias queer e feminista sobre os temas de violências contra mulheres e lesbo-trans-homofobia; identidades, parentalidades e conjugalidades LGBTTT; arte homoerótica; amor; gênero e sexualidade na escola; religiões e sexualidades; políticas públicas e movimentos feministas e LGBTTT.*